A FORMAÇAO DE PROFESSORES ALFABETIZADORES NO PÓS-PANDEMIA: DESAFIOS E NOVAS PESPECTIVAS PEDAGOGICAS

GISELLE GOMES SALES LEITE

RESUMO
A pandemia de COVID-19 trouxe desafios sem precedentes para a educação, especialmente no processo de alfabetização. Este trabalho busca explorar os impactos desse período sobre a formação de professores alfabetizadores, analisando os desafios enfrentados e as novas perspectivas pedagógicas emergentes. A partir de uma revisão bibliográfica e de estudos de caso, o TCC discute as lacunas pedagógicas intensificadas pela educação remota e as mudanças nas práticas de ensino, como o uso de tecnologias digitais e metodologias ativas. Além disso, aborda a necessidade de formação contínua dos professores, com foco em habilidades tecnológicas e socioemocionais, para garantir a eficácia no processo de alfabetização em contextos presenciais e híbridos. Conclui-se que a formação de professores no pós-pandemia deve ser multidimensional, integrando novas práticas pedagógicas que valorizem tanto a adaptação tecnológica quanto o fortalecimento de competências emocionais, visando atender às demandas de uma educação inclusiva e equitativa.

Palavras-chave: Escola; Espaço; Pandemia.

INTRODUÇÃO
A escola é um espaço fundamental, pautado pela segurança, socialização, aprendizado e formação humana, sendo naturalmente complexo. A pandemia de Covid-19 trouxe novos desafios, exigindo a busca por soluções para garantir a continuidade do ano letivo e mitigar os impactos do afastamento escolar devido às medidas de isolamento.
Refletir sobre as novas configurações da educação no pós-pandemia implica pensar estratégias e limites, abrangendo todos os níveis de ensino, da educação infantil ao superior. A pandemia afetou significativamente o processo de ensino-aprendizagem, especialmente na fase de alfabetização, que requer mediação adequada e repetição. O impacto foi mais intenso em alunos em fase de alfabetização, tanto crianças quanto jovens e adultos.
Segundo Magda Soares (1998), o ideal é alfabetizar letrando, ou seja, ensinando a ler e escrever dentro do contexto das práticas sociais. A escola deve instigar a leitura de forma prazerosa, respeitando as particularidades de cada aluno e utilizando metodologias inovadoras. A formação docente também precisou ser repensada, criando condições para a construção de novos conhecimentos e recriando o ambiente escolar.
Com base em minha experiência como professora e coordenadora pedagógica em Campo Maior, percebi as dificuldades enfrentadas pelos professores no período pós-pandemia, o que despertou meu interesse em estudar mais sobre a formação de professores e a alfabetização nesse contexto.

JUSTIFICATIVA
O presente trabalho discorre sobre que tipos de formação os professors alfabetizadors da rede Municipal de Campo Maior tem recebido após as diversas mudanças que ocorreram no periodo pós pandemico(Pandemia da COVID-19), surgindo necessidades de novas didáticas, um novo ambiente de aprendizagem, as estratégias que antes eram utilizadas não se fizeram necessárias. Segundo Gatti (2020), a formação docente necessitou ser repensada, com isso foi necessário uma nova configuração, criar condições coletivas para a construção e mediação de novos conhecimentos no que se refere ao ambiente escolar, recriando esse espaço e ressignificando a hora-aula, criando alternativas para torná-la acessível e compreensível.
Com base em todos esses aspectos, espera-se contribuir para a discussão relativa sobreos desafios e perpectivas para uma discussão relevante para a formação continuada de professores alfabetizadores.

CARACTERIZAÇÃO E DELIMITAÇÃO DO PROBLEMA
Com tudo isso, diversas mudanças em um curto período de tempo, necessidades de novas didaticas, um novo ambiente

de aprendizagem as estratégias que antes eram utilizadas nao se fizerem necessárias. Segundo Gatti, (2020) A formação docente necessitou ser repensada. Foi necessário uma nova configuração, de criar condições coletivas para a construção e mediação de novos conhecimentos. Com o que se refere ao ambiente escolar, recriando esse espaço e ressignificar a hora-aula, criando alternativas para torna acessível e compreensível.

Diante disso surgiram inumeras perguntas em minha mente, como por exemplo: Que tipo de formação essa professsora recebeu para mnistrar aulas nesse formato? Quais estratégias ela utiliza para fazer o acompanhamento desses alunos? Qual formação, preparo foi ofertado para essa professora para receber esses alunos em sala novamente?

Devido a essas dificuldades vivenciadas, a relatos de demais professores que enfrentam esse mesmo desafio fui instigada a pesquisar, ler e apender mais sobre a temática. Sabendo que esse desafio é vivenciado por outros profissionais esperamos contribuir com a discussão ao processo de alfabetização pós pandemia ,uma discussão relevante para a formação continuada de professores alfabetizadores.

OBJETIVOS:

Objetivo geral:

Compreender como está acontecendo a formação de professores alfabetizadores da rede municipal de ensino de Campo Maior – PI, considerando os desafios do pós-pandemia no processo de ensino e aprendizagem de estudantes em fase de alfabetização.

Objetivos específicos:

Analisar os efeitos da pandemia e os resultados do pós-pandemia no processo de alfabetização das crianças que estudam na rede municipal de ensino de Campo Maior – PI.

Identificar os desafios e as dificuldades enfrentadas pelos docentes da rede municipal de Campo Maior em relação ao acompanhamento escolar e alfabetização dos alunos no período pós-pandemia.

Compreender como a formação de professores alfabetizadores acontece e quais práticas pedagógicas são utilizadas pelos docentes a fim de enfrentar os desafios no ensino e na aprendizagem pós-pandemia.

FUNDAMENTAÇÃO TEORICA.

A pandemia da COVID-19 trouxe profundas mudanças para a educação em nível global, alterando significativamente a dinâmica do processo de ensino e aprendizagem. Entre os mais afetados, destacam-se os professores alfabetizadores, que enfrentaram grandes desafios para garantir a continuidade da alfabetização em um contexto marcado pela suspensão das aulas presenciais e a adoção abrupta de ferramentas digitais. No período pós-pandemia, o retorno às escolas evidencia a necessidade de repensar a formação desses profissionais, considerando tanto os déficits de aprendizagem acumulados quanto as novas demandas pedagógicas emergentes.

Um dos principais desafios que se apresenta no pós-pandemia é o de lidar com os impactos da interrupção no processo de alfabetização, especialmente para os alunos que estavam no início da jornada escolar. Muitos estudantes enfrentaram dificuldades para acessar atividades remotas devido à falta de conectividade ou dispositivos adequados, resultando em atrasos significativos no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Para os professores, a tarefa de atender a turmas heterogêneas, com níveis de aprendizado distintos, exige novas abordagens pedagógicas e estratégias personalizadas que respeitem o ritmo de cada aluno.

Além disso, o período pandêmico evidenciou a necessidade de incluir a tecnologia como ferramenta de ensino, mesmo no contexto da alfabetização. No entanto, isso requer uma formação mais robusta para os professores, que devem ser capacitados não apenas no uso de plataformas digitais, mas também em metodologias híbridas que integrem de forma eficaz o ensino presencial e remoto. Assim, a formação continuada se torna imprescindível para equipar os docentes com as competências necessárias para lidar com a complexidade do cenário educacional atual.

Outro ponto crucial é o suporte emocional e psicológico oferecido aos professores alfa-

betizadores. O pós-pandemia trouxe à tona os impactos emocionais da crise sanitária, tanto para os alunos quanto para os educadores. Muitos professores relatam sentir-se sobrecarregados e desmotivados, especialmente diante das demandas crescentes e da necessidade de recuperar os prejuízos educacionais. Assim, programas de apoio psicológico e momentos de escuta ativa no ambiente escolar são fundamentais para garantir o bem-estar dos docentes e, consequentemente, a qualidade do ensino.

Em termos de perspectivas pedagógicas, a pandemia destacou a importância de práticas mais inclusivas e centradas no aluno. O uso de metodologias ativas, como a aprendizagem por projetos e o ensino colaborativo, pode ajudar a engajar os estudantes e promover o desenvolvimento das habilidades de alfabetização em um ambiente mais dinâmico e participativo. Além disso, o foco na interdisciplinaridade e no letramento digital pode preparar os alunos para os desafios de um mundo cada vez mais conectado e interdependente.

Os desafios do período pós-pandemia também reforçam a necessidade de repensar as políticas públicas voltadas à formação inicial e continuada dos professores alfabetizadores. É crucial que essas políticas considerem a diversidade do contexto educacional brasileiro, especialmente nas regiões mais vulneráveis, onde as desigualdades educacionais foram agravadas durante a pandemia. Investir na formação docente, na infraestrutura das escolas e no acesso à tecnologia é um passo essencial para reduzir as lacunas de aprendizado e garantir um ensino de qualidade para todos.

Dessa forma, a formação de professores alfabetizadores no pós-pandemia deve ser vista como uma prioridade estratégica para a construção de um sistema educacional mais resiliente e inclusivo. É necessário fortalecer as parcerias entre universidades, escolas e gestores educacionais, promovendo programas de formação que estejam alinhados às demandas do presente e do futuro. Além disso, o diálogo constante com os professores é essencial para entender suas necessidades e construir soluções conjuntas que valorizem a prática docente e respeitem a realidade das salas de aula.

Por fim, o período pós-pandemia nos convida a uma reflexão profunda sobre o papel da educação na sociedade e a importância de investir nos professores como agentes transformadores. Os desafios são muitos, mas também há oportunidades para inovar e construir uma educação mais equitativa, inclusiva e eficiente. A alfabetização, como base do processo educacional, requer atenção especial, e os professores alfabetizadores devem ser apoiados em sua missão de formar leitores e escritores críticos e participativos.

A adaptação às novas realidades exige uma formação docente que seja contínua, prática e conectada às demandas do século XXI. Apenas com um olhar integrado e colaborativo será possível superar os desafios do pós-pandemia e promover uma educação que realmente prepare os alunos para um futuro de oportunidades e realizações.

Com a grande pandemia do COVID-19, foi necessário a suspenção das atividades escolares de forma presencial e o que antes era certo na realidade educacional de forma presencial se tornou incerto. Diante desse contexto, fez-se necessário encontrar uma forma das crianças realizarem as atividades escolares de forma segura e ainda cumprisse o direito a educação pública de qualidade para todos. Com tudo isso intensificou o uso de tecnologias digitais da informação e comunicação (TDIC) e a interação entre professores e alunos passou a ser um desafio, mostrando assim a necessidade de discussões e formação profissional acerca da temática (Pimentel; Carvalho, 2020).

Em 28 de abril de 2020, foi apresentado o Parecer CNE/CP nº 05, declarando a possibilidade de um ensino não presencial, como forma de cumprir a carga horária mínima anual, ao assentar que:

O desenvolvimento do efetivo trabalho escolar por meio de atividades não presenciais é uma das alternativas para reduzir a reposição de carga horária presencial ao final da situação de emergência e permitir que os estudantes mantenham uma rotina básica de atividades escolares mesmo afastados do ambiente físico da escola. (Brasil, 2020, p. 7)

Com o agravamento da pandemia as aulas de forma não presencial, foram se tornando cada vez mais uma saída para a diferente realidade que estava sendo vivenciada, fazendo assim com que o uso das tecnologias digitais, se torna-se medida primordial na realização das aulas remotas. O ensino remoto consiste em uma forma emergencial, não sendo reconhecido como metodologia ou modalidade de ensino, diferente da Educação a distancia (EAD).
Para Silva, Andrade e Brinatti (2020) que discutem sobre o Ensino Remoto Emergencial (ERE), termo que surgiu formalmente na Educação na Revista Belo Horizonte, v.39, 2023, existe diferenças entre ensino remoto para aulas on-line, princicpalmente no cenário pandêmico na tentatica de explicar essa diferenciação dos outros modelos de ensino on-line. Assim, referente a essa dissemelhança, os autores assentam que:

Ao contrário de experiências educacionais totalmente projetadas e planejadas para serem online, o ERE responde a uma mudança repentina de modelos instrucionais para alternativas em uma situação de crise. Nessas circunstancias faz-se o uso de soluções de ensino totalmente remotas que, de outra forma, seria ministrado presencialmente ou como cursos híbridos e que retornarão a esse formato assim que a crise ou emergência tiver diminuído (Silva; Andrade; Brinatti, 2020).

É nescessario que se tenha uma formalidade no processo de ensino , seja ele remoto ou presencial ,cumprindo com os preceitos de alcançar os resultados esperados. Para Antunes e Batista (2016):
A formalidade do processo educativo seja ele de forma presencial ou remoto requer que sejam estabelecidos objetivos de aprendizagem ,planejamentos das atividades pedagógicas , preparação dos recursos metodológicos para que se tenha um um processo de ensino e aprendizagem eficaz.

Dentre os desafios do processo de ensino as distraçoes que naturalmente se tem sala de aula, as adversidades que ocasionam nos imprevistos na execuçao da aula são substituidos por outros desafios. Para Conte (2022, p. 58):

Durante a pandemia o trabalho do professor se tornou uma luta constante frente aos estímulos sensoriais, técnicos das mídias e das redes virtuais, o que tem provocado superestimação (ritmos alucinantes de trabalho) e colocando em risco inclusive as promesas formativas de provocar o pensar inquieto no trabalho coletivo". Aos professores foram colocados desafios que lhes exigiam pesquisa e estudo para criar novas metodologias de ensino.

Diane desses novos desafios o professor buscou uma forma de se aproximar de seus alunos . Uma forma na qual o propio professor nescessitou compreender, utlizar e elaborar metodologias. Nessa perspectiva, Magda Soares contribui, situando que:

A pandemia, obrigando ao ensino a distância, tem incentivado o uso de recursos tecnológicos quando disponíveis, e tem estimulado professores a criar atividades que podem não só substituir sua interação direta com os alunos, mas também enriquecer, quando voltarmos ao "normal", seu ensino presencial – acredito que o ensino a distância esteja promovendo, de alguma forma, o desenvolvimento profissional dos professores (Soares, 2020).

Diante desse cenário, educadores de todos os níveis de ensino, que tiveram que buscar se adaptar a variadas práticas pedagógicas, sendo elas de forma remota ou não e diversos recursos tecnológicos de interação e comunicação. Os espaços de ensino, incorporaram a cibercultura e diante disso, expressões como conectar-se, comentar e ,postar passaram a fazer parte do dialogo de aula (Pimentel; Carvalho, 2020). Diante professores alfabetizadores tiveram que rever suas praticas e enfrentar novos desafios .
O sistema educacional sofreu com impactos causados pelos inumeros desafios e mudanças e dentro do período de alfabetização esses imapctos se intessificaram ainda mais, uma vez que o período de alfabetização é um

período de mudanças, adaptações e novas percepções, onde o aluno esta findando a educação infantil e se preparando para uma nova etapa. De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 53):

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017, p. 53) "A transição entre essas duas etapas da Educação Básica requer muita atenção, para que haja equilíbrio entre as mudanças introduzidas, garantindo integração e continuidade dos processos de aprendizagens das crianças". Neste caso, considera-se em particular, um cenário no qual o conhecimento das especificidades do Sistema de Escrita Alfabética (SEA) ainda se trata de algo abstrato para o educando.

E No contexto pandêmico como os professores enfrentaram os desafios para alfabetizar? É importante diferencias alfabetização e letramento. Segundo Soares (1998) a alfabetização refere-se, respectivamente, ao ato de tornar-se alfabetizado e à condição de ser letrado. Assim, notamos que são elementos distintos, mas, ambos relevantes e inter-relacionados. A autora considera que ser alfabetizada não significa ser letrado pois considera-se alfabetizado o sujeito que sabe ler e escrever enquanto o letrado não somente domina a leitura e escrita mas também domina esses recursos e o utiliza nas praticas sociais corretamente.
Magda Soares (2020), em seu recente livro, explica que a alfabetização não é a aprendizagem de um código, mas a aprendizagem de um processo da representação, em que os signos (grafemas) representam, não codificam, os sons da fala (os fonemas). Aprender o sistema alfabético não é aprender um código, memorizando relações entre letras e sons, mas compreender o que a escrita representa e a notaçãocom que, arbitrária e convencionalmente, são representados os sons da fala, os fonemas (Soares, 2020, p.11).
A alfabetização, em especial o ensino da leitura e da escrita, requer uma organização sistemática que estabeleça o que é preciso fazer para que haja apropriação e, consequentemente, o desenvolvimento psíquico.
Devemos considerar que o trabalho de alfabetizar depende vários aspectos e exige principalmente formação e qualificação profissional do docente. É necessário uma pratica significativa , assim o contato diário dos alunos com os professores é extremamente relevante sabendo que este deve buscar metodologias que estimulem eas habilidades de cada criança
Nesse processo cabe ao professor mediar o conhecimento, devendo estimular as habilidades de seus alunos e fazendo uma pratica reflexiva sobre seu fazer docente. Provocando reflexoes sobre suas metodologias. Para discutir sobre a prática reflexiva do professor o, Pimenta Educação em Revista Belo Horizonte|v.39|e39080|2023 (2006) se apoia nas contribuições de Schõn, o qual tem o entendimento de que a formação inicial não oferece o suporte necessário à prática docente, tendo em vista os contratempos e situações inesperadas que surgem no cotidiano da sala de aula. Portanto, nesta perspectiva:

Schõn propõe uma formação profissional baseada numa epistemologia da prática, ou seja, na valorização da prática profissional como momento de construção de conhecimento, através da reflexão, análise e problematização desta, e o reconhecimento do conhecimento tácito, presente nas soluções que os profissionais encontram em ato. Esse conhecimento na ação é o conhecimento tácito, implícito, interiorizado, que está na ação e que, portanto, não a precede. E mobilizado pelos profissionais no seu dia-a-dia, configurando um hábito. No entanto, esse conhecimento não é suficiente. Frente a situações novas que extrapolam a rotina, os profissionais criam, constroem novas soluções, novos caminhos, o que se dá por um processo de reflexão na ação (Pimenta, 2006, p. 19-20).

A partir das formulações de Vygotsky (1987, p. 92), pode-se definir que, no seu papel de mediador, o professor explica, dá informações, questiona, corrige o aluno e o faz explicar: "os conceitos da criança se formaram no processo de aprendizagem, em colaboração com o adulto" (Vygotsky, 1987, p. 92).
A mediação pedagógica tem fator afetivo, não há como substituir o olhar, a palavra e

o estimulo. Pegar na mão para ajudar a escrever, fazer uma letra, apontar para uma palavra, uma leitura de forma compartilhada. Tudo isso faz parte desse processo e e dão suporte para um dia ler e escrever com autonomia ,sem auxilio : "aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã" (Vygotsky, 1988, p. 98). E Essa autonomia que é conquistada servira como base para continuidade de seus estudos.

Conforme reforça Cordeiro (2022) é de responsabilidade da escola mediar e usar , de forma intencional e pedagógica os recursos antigos e novos para a promoção que promovem a aprendizagem . As novas praticas dos alfabetizadores requer adaptações do ensino presencial para o ensino remoto com a adaptação de tecnologias digitais .

Para Pimenta (206) a formação continuada perpassa capacitações constituindo-se pela reflexão através da realidade . Devido a necessidades e exigência do ensino remoto em que pouco se fazia o uso das Tecnologias digitais é compreensível que é necessário a formação de cursos de formação continuada ofertado pelo próprio sistema educacional para amparar e da suporte para educadores .

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para compreender a formação de professores alfabetizadores no contexto pós-pandemia, é necessário refletir sobre as dificuldades enfrentadas durante o período de ensino remoto e os impactos que essas novas realidades trouxeram para a educação. O isolamento social e a necessidade de adotar tecnologias digitais no ensino evidenciaram a desigualdade de acesso e a falta de preparo para o uso de ferramentas tecnológicas no processo de ensino-aprendizagem. Muitos professores se viram obrigados a adaptar suas práticas pedagógicas de forma rápida, muitas vezes sem o suporte necessário para lidar com os desafios dessa transição.

A formação continuada de professores tornou-se, então, um elemento essencial para que possam atuar de maneira eficiente e inclusiva na alfabetização de crianças, especialmente considerando os retrocessos e lacunas de aprendizagem causados pela pandemia. A inserção de metodologias ativas e o desenvolvimento de competências digitais passaram a ser pilares fundamentais na capacitação dos educadores, permitindo uma abordagem mais dinâmica e adaptada às necessidades atuais dos alunos.

Além disso, o apoio emocional e o desenvolvimento de habilidades socioemocionais tornaram-se uma prioridade, tanto para os professores quanto para os estudantes, que enfrentaram o estresse e a ansiedade decorrentes do isolamento e das incertezas geradas pelo período pandêmico. Os professores alfabetizadores agora necessitam de uma formação que inclua estratégias de acolhimento, escuta ativa e empatia, para lidar com o impacto emocional deixado pela pandemia nas crianças.

As novas perspectivas pedagógicas para a formação de professores alfabetizadores no pós-pandemia também incluem a valorização da diversidade e da inclusão, assegurando que as práticas de alfabetização atendam a todos os alunos, independentemente de suas condições socioeconômicas ou dificuldades de aprendizado. Programas de formação precisam abranger técnicas de alfabetização diferenciadas, adaptadas para lidar com as desigualdades educacionais e para promover uma educação que seja, ao mesmo tempo, inclusiva e de qualidade.

Assim, a formação de professores alfabetizadores no pós-pandemia apresenta-se como um campo desafiador, mas repleto de possibilidades de transformação e inovação pedagógica.

A adaptação ao ensino remoto revelou desigualdades estruturais e expôs a fragilidade das políticas de formação docente, especialmente no que se refere ao uso de tecnologias educacionais. Professores alfabetizadores, em particular, enfrentaram dificuldades adicionais, uma vez que o processo de alfabetização exige uma interação mais direta e personalizada com os alunos, algo que foi profundamente impactado pela mediação tecnológica. Muitos educadores relataram dificuldades em avaliar o desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita a distância, devido à ausência de instrumentos adequados para acompanhar o progresso dos

estudantes de forma eficaz.

Outro desafio significativo foi a heterogeneidade das condições de acesso à tecnologia, tanto para professores quanto para alunos. Em muitas regiões do Brasil, especialmente nas periferias urbanas e áreas rurais, a conectividade limitada e a falta de equipamentos dificultaram a continuidade do ensino. Essa desigualdade não apenas ampliou as lacunas de aprendizagem, mas também reforçou a necessidade de repensar a formação dos professores para que eles possam lidar com cenários educacionais diversos e desiguais.

Além disso, a sobrecarga emocional e o estresse vivenciado pelos educadores durante o período de ensino remoto destacaram a importância de incluir conteúdos relacionados à saúde mental na formação docente. Muitos professores relataram sensação de isolamento, insegurança e esgotamento diante das demandas adicionais impostas pela pandemia. Assim, a formação de alfabetizadores no contexto pós-pandemia precisa ir além do domínio técnico e pedagógico, abrangendo também aspectos ligados ao bem-estar emocional e ao manejo de situações adversas.

No retorno às aulas presenciais, os professores alfabetizadores passaram a lidar com novas realidades em sala de aula. O impacto da pandemia nos alunos foi profundo, evidenciado pelo aumento das lacunas de aprendizado, especialmente nas habilidades de leitura, escrita e cálculo. Muitos alunos apresentaram regressão em suas competências, exigindo dos professores uma abordagem pedagógica diferenciada, mais acolhedora e adaptada às necessidades individuais de cada estudante. Nesse sentido, a formação continuada se torna essencial para capacitar os educadores a elaborar estratégias de recuperação de aprendizagens de forma eficaz.

Entre as perspectivas pedagógicas que emergem no contexto pós-pandemia, destaca-se a necessidade de promover uma formação docente que seja mais prática, colaborativa e voltada para o desenvolvimento de competências transversais. Os professores alfabetizadores precisam ser preparados para implementar metodologias ativas, como o ensino baseado em projetos e a gamificação, que estimulam o engajamento dos alunos e promovem um aprendizado mais significativo. Além disso, o uso consciente das tecnologias digitais deve ser incorporado de forma permanente na prática docente, garantindo que as ferramentas tecnológicas sejam utilizadas como aliadas no processo de ensino-aprendizagem.

Outro ponto relevante é o fortalecimento das práticas de formação continuada por meio de comunidades de aprendizagem. Ao criar espaços de troca e reflexão entre os professores, é possível promover a construção coletiva de soluções para os desafios enfrentados no dia a dia escolar. Essas comunidades podem atuar como redes de apoio, permitindo que os professores compartilhem experiências, conhecimentos e estratégias, enriquecendo sua prática pedagógica e fortalecendo sua resiliência diante de situações adversas.

Além disso, é imprescindível que as políticas públicas estejam alinhadas às novas demandas educacionais. Investimentos em infraestrutura escolar, equipamentos tecnológicos e formação de professores são fundamentais para assegurar que as escolas estejam preparadas para enfrentar os desafios do pós-pandemia. Programas de capacitação docente devem ser elaborados considerando as realidades locais, oferecendo suporte técnico e pedagógico aos educadores, especialmente em contextos de maior vulnerabilidade.

A interdisciplinaridade também emerge como uma perspectiva promissora para a formação de professores alfabetizadores. Colaborar com outras áreas do conhecimento, como neurociência e psicologia, pode ajudar os educadores a compreender melhor os processos de aprendizagem e a desenvolver estratégias pedagógicas mais eficazes. Por exemplo, ao entender como o cérebro processa a leitura e a escrita, os professores podem planejar atividades que estimulem essas competências de maneira mais assertiva.

Por fim, a formação de professores alfabetizadores no contexto pós-pandemia precisa ser voltada para a promoção de uma educação inclusiva. Isso significa preparar os

docentes para atender à diversidade de alunos em sala de aula, considerando não apenas as diferenças de acesso e aprendizado, mas também as questões culturais, sociais e emocionais. O fortalecimento do vínculo entre professor e aluno deve ser uma prioridade, pois o acolhimento e a empatia são elementos essenciais para criar um ambiente propício ao aprendizado.

Conclui-se que a pandemia trouxe à tona a urgência de transformar os modelos de formação docente, especialmente para os professores alfabetizadores, que desempenham um papel crucial no desenvolvimento das competências fundamentais dos alunos. Apesar dos desafios, o contexto atual também apresenta uma oportunidade para repensar e inovar as práticas pedagógicas, promovendo uma formação que valorize o professor enquanto agente transformador e prepare-o para lidar com as complexidades da educação no século XXI.

REFERENCIAS.

ALVES, L. R. G.. Práticas inventivas na interação com as tecnologias digitais e telemáticas: o caso do Gamebook Guardiões da Floresta. Revista de Educação Pública, v. 25, p. 574-593, 2016.

ANTUNES, Juliana Teixeira; BATISTA, Paulo Vitor do Carmo. EaD e desafios de interação: um estudo de revisão. Multitexto, v. 4, n. 1, p. 32-36, 2016. Disponível em: http://www.ead.unimontes.br/multitexto/index.php/rmcead/article/view/187. Acesso em: 20 mar. 2023.

BERNARDETE A. GATTI I. Possível reconfiguração dos modelos educacionais pós-pandemia, 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: Acesso em: 8 set. 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Diário Oficial da União. Despacho de 29 de maio de 2020. Disponível em: Acesso em: 06/03/2022.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394/96 de 20 de dezembro de 1996. LDB – Lei de Diretrizes e Bases. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação/ Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CP nº 05 de 28 de abril de 2020. Distrito Federal: Ministério da Educação, 28 de abril de 2020. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=-download&alias=145011-pcp005- 20&category_slug=marco-2020-pdf&Itemid=30192 . Acesso em: 07 de fevereiro de 2023.

CONTE, E. Educação, Desigualdades e Tecnologias Digitais em Tempos de Pandemia. In: RONDINI, Carina Alexandra. (Org.). Paradoxos da Escola e da Sociedade na Contemporaneidade. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022, v. 1, p. 32-62. Acesso em 08 ago. 2022.

CORDEIRO, Fabiana A. Menegazzo. Quando o caos da pandemia passar, quem terá maior força: os velhos hábitos da Escola tradicional ou os novos ensinamentos da escola na pandemia da COVID-19? In: CONTE, E. Educação, Desigualdades e Tecnologias Digitais em Tempos de Pandemia. In: RONDINI, Carina Alexandra. (Org.). Paradoxos da Escola e da Sociedade na Contemporaneidade. 1. ed. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2022, v. 1, p. 32-62. Acesso em 08 ago. 2023

GASKELL, George. Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

GIL, Antonio Carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONTIJO, C. M. M; SCHWARTZ. C. M. Alfabetização: teoria e prática. Curitiba: Sol, 2009. Disponível em:https://biblioam.wordpress.com/2014/08/22/a-historia-da-escrita/ Acesso em: 25 nov. 2023.

LAKATOS, E. M. & MARCONI, M. A. Fundamentos de metodologia científica. 3.ed. rev. ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

MARTINS, L. M.; MARSIGLIA, A. C. G. Contribuições para a sistematização da prática pedagógica na educação infantil. Cadernos de

Formação RBCE, p. 15-26, mar. 2015.

MOREIRA, José António Marques; HENRIQUES, Susana; BARROS, Daniela. Transitando de um ensino remoto emergencial para uma educação digital em rede, em tempos de pandemia. Dialogia, São Paulo, n. 34, p. 351-364, 2020. Disponível em: https://doi.org/10.5585/Dialogia. N34.17123. Acesso em: 30 mar. 2023.

PEREIRA, A. S. et al. Metodologia da pesquisa cientifica. Porto Alegre: UAB / NTE / UFSM. 2018. Recuperado de: https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/358/2019/02/Metodologia-da-Pesquisa-Cientifica_final.pdf. Acesso em: 05 dez. 2020.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). Professor Reflexivo no Brasil: gênese e critica de um conceito. São Paulo: Cortez Editora, 2006. p. 17-52.

PIMENTEL, Mariano; CARVALHO, Felipe da Silva Ponte. Princípios da educação online: para sua aula não ficar massiva nem maçante! SBC Horizontes, maio 2020. Disponível em: http:// horizontes.sbc.org.br/index.php/2020/05/23/principios-educacao-online. Acesso em: 10 mar. 2023.

PRETTO, Nelson de Luca. Educações, culturas e hackers: escritos e reflexões. Salvador-Bahia: EDUFBA, 2017.

RISEMBERG, R. I. C. S. ; SHITSUKA, R. ; TAVARES, O. L. Un estudio de caso de reconocimiento de patrones en los textos colectivos en el ciberespacio mediante la herramienta wiki en cursos a distancia de pregrado. Diálogos de la Comunicación (em línea). v. 91, p. 1-17, 2015.

SILVA, Silvio Luiz Rutz da; ANDRADE; André Vitor Chaves de; BRINATTI, André Maurício. Ensino Remoto Emergencial. Paraná: Dos autores, 2020.

Soares, M. (2020). Como fica a alfabetização e o letramento durante a pandemia. Blog Futura https://www.futura.org.br/como-fica-a-alfabetizacao-e-o-letramento-durante-a-pandemia/

SOARES, M. Alfabetização e letramento. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, M. Alfaletrar: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.

SOARES, Magda. Letramento: tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

VYGOTSKY, L. S. Pensamento e linguagem. São Paulo: Martins Fontes, 1987.